



António Joaquim de Santa Bárbara (1813-1865) | Pesquisa em tempos de pandemia

Anísio Franco | Museu Nacional de Arte Antiga
Patrícia Telles | CEAACP - Universidade de Coimbra

O estudo da pintura em miniatura ainda implica, além da investigação documental, um verdadeiro trabalho de detective – e este, exige tempo. A pandemia de certo modo ajudou-nos, obrigando a uma quarentena forçada, encerrando arquivos e museus. Mergulhados em leituras profundas, aceitamos novos desafios, como descobrir quem seria “Sta. Bárbara”, cuja assinatura encontrávamos, na lateral de pequenos retratos, litografias, e até peças de ourivesaria do Oitocentos.

Sabíamos da existência dos ourives António Pedro e Augusto Luís de Santa Bárbara, estudados pelo Dr. Hugo Xavier, e conhecíamos dois retratistas: António Joaquim e António Manuel de Santa Bárbara - o segundo, talvez discípulo do primeiro. Especulava-se que seriam irmãos, sem documentação que o comprovasse. A pista que faltava para restabelecer as suas identidades veio às nossas mãos por acaso: era uma anotação manual do historiador Vasco Valente, publicada em 2011 por Carlos da Silva Lopes. Referia que a morte de António Joaquim de Santa Bárbara, “retratista da Casa Real”, “fora anunciada no Diário de Noticias a 25 de Novembro de 1865”. Com tempo, chegamos à publicação integral:

“Falleceu há dias com 53 annos de idade, victima de uma lesão no coração, o sr. Antonio Joaquim de Santa Barbara, retratista da Casa Real. Trabalhava em lithografia, a óleo e em miniatura sobre marfim, distinguindo-se sobre tudo pela semelhança perfeita com que fazia qualquer retrato, ainda de pessoas já falecidas, [como] (...) o retrato a óleo [de] (...) José Maria Grande, existente na sala de uma associação em Lisboa. Era notável também pela execução de alguns quadros religiosos, notando-se entre eles o que se acha colocado na capella-mor da egreja de Santa Maria Magdalena, na Povia de Santa Iria.” (Diário de Noticias, 25 de Novembro 1865).¹

¹Agradecemos ao Dr. Hugo Xavier pela indicação.



Fig. 1 - António Joaquim de Santa Barbara. "Retrato de senhora", assinado e datado "Sta. Barb 1852", miniatura sobre marfim, 10 x 8 cm (aprox.), coleção particular, Alentejo. Fotografia: © Pedro Lobo.



Fig. 2 - António Joaquim de Santa Barbara. "Retrato de senhora", ass. e dat. "Sta. Barbara 1846", miniatura sobre marfim, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa. Fotografia: © Pedro Lobo.



Fig. 3 – António Joaquim de Santa Barbara. "Retrato do coronel Soromenho", ass. e dat. "Sta. Barbara 1850", miniatura sobre marfim, 9,5 x 7,5 cm, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa. Fotografia: © Pedro Lobo.



Fig. 4 – António Joaquim de Santa Barbara. "Retrato do Visconde de Sagres" ass. e dat. "Sta. Barbara 1856", miniatura sobre marfim, 10 x 8 cm (aprox.), coleção particular, São Paulo. © M. H. Pitagari.

Mais do que uma necrologia, era quase de um anúncio publicitário, passível de beneficiar seus descendentes. Salientava-se o serviço ao rei, a diversidade das técnicas e a “semelhança perfeita” dos retratos [Fig. 3], até os “de pessoas já falecidas” – enorme vantagem sobre a nova arte da fotografia, cujas lentes só conseguiam captar o que estivesse presente à frente do fotógrafo...

A confirmação que Santa Bárbara pintava os mortos, elaborando com cuidado a semelhança a partir de daguerreótipos, desenhos e lembranças dos parentes, explicava a rigidez da expressão de alguns retratos, a frieza nas cores, um certo vazio na intensidade do olhar [Fig. 2]. Por mais que os seus retratos expresassem como poucos o orgulho da austera burguesia lisboeta em ascensão [Fig. 1], o contraste chega a ser flagrante entre os mais gélidos e os outros, cuja leveza do pincel e a capacidade expressiva demonstram terem sido pintados “do natural” [Fig. 4].

A notícia fornecia novas direcções para a pesquisa. Preocupada em elevar o morto das “artes menores” à pintura sobre tela, de maior prestígio, destacava as suas obras expostas ao público: a tela de José Maria Grande (1799-1857) “na sala de uma associação” e os seus “quadros religiosos” numa igreja na Póvoa de Santa Iria. As restrições impostas aos deslocamentos impediram-nos de procurar essas obras in-loco, mas não de prosseguirmos a investigação.

Para estudar um criador - um artista - no Antigo Regime, importa vislumbrarmos em que ambiente nasceu e moveu-se

durante a vida. Em Portugal, onde pintores ocupavam uma posição socialmente ambígua, buscavam uma clientela com maior prestígio e fortuna, conscientes que ascendiam ou decaíam ao sabor dos caprichos do Fado. E a documentação disponível on-line permitia prosseguir, em plena pandemia.

Encontramos o registo de óbito de um “retratista”, morador no 2º andar do n. 19 da Praça de São Paulo, em Lisboa: António Joaquim de Santa Bárbara, falecido em casa a 15 de Novembro de 1865. Natural da Póvoa de Santa Iria, teria 52, não 53 anos de idade, mas era uma pista concreta para descobrir o seu nascimento, e entendermos melhor a sua vida. Apontava ainda para outra trilha: deixava filhos, e uma viúva, D. Francisca Romana da Piedade Santa Bárbara².

Cabe sempre lembrar que documentos não passam de folhas de papel, onde familiares declaram o que querem ou podem, e um burocrata ou o padre de serviço anota o que ouviu ou percebeu...

No seu registo de óbito, frisando uma posição social burguesa, a família de Santa Bárbara declarou-o filho do “negociante” Joaquim Filipe e de sua mulher, D. Felícia Maria³. Mas se era o caso, porque adoptar o nome “Santa Barbara”, sem qualquer vínculo aparente de família ou apadrinhamento?

² Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Registos Paroquiais (RP), Paróquia de S. Paulo, Registo de óbitos 1852-1866 f. 196.

³ Encontramos a ascendência de sua mãe, Felícia, nascida em 1783, nos Registos Paroquiais de Santa Iria de Azoia.

Suspeitamos uma origem humilde, que aos poucos confirmou-se. Documento após documento, onde nenhuma mulher recebe o tratamento de “Dona”, seus pais revelaram-se simples “moradores da Quinta da Piedade”⁴, inseridos num panorama de simplicidade, necessidade ou carência, comprovado quando descobrimos o registo de baptismo do artista, a 25 de Fevereiro de 1813, na igreja paroquial de Santa Iria:

Avinte sinco d Fbro de mil oito centos treze nesta Parrochial Igra d Sta Iria (...) Baptizei e pus os santos olios a Anto Fo d Joaqm Felipe e Felicia Maria recebidos nesta frega neto parterno de Je Joaqm Correia d Guitar [?] e Anna de S. Pedro desta frega e materno de João de Avelar e Anna Leonor desta frega padrinho Anto de Avelar (...)”⁵.

Embora usasse o nome de Guitar ou Quitar, seu avô era geralmente conhecido apenas como José Joaquim⁶, e sua mulher, Anna de São Pedro, tinha por nome um orago, como tantas outras. Os avôs maternos, João de Avelar e Ana Leonor, não parecem tê-los superado socialmente⁷, e o seu padrinho era possivelmente um parente. Não constam profissões, indícios de propriedade ou moradia nobre.

Origens humildes não surpreendem em artistas do século XIX, apenas dificultam a busca de explicações para a excelente formação de Santa Barbara em desenho e pintura - dada a qualidade da sua obra e o fato de ter conseguido ser professor de desenho em Lisboa (PAMPLONA, 1988, 133). Quando e porquê começou a carreira que o levou ao serviço da Casa Real portuguesa nos anos 1850? A investigação continua...

Data de 1838, a miniatura mais antiga assinada “Santa Barbara” ou “Sta Barbara” – tardia para um pintor nascido em 1813. Já teria vinte e cinco anos: com certeza não foi esta a sua primeira obra - mas retrata Agostinho José Freire (1780-1836), falecido director do Colégio Militar (VIANNA, 1894, vol II) e indica assim, mais um caminho a explorar.

Encontramos de facto um professor deste Colégio chamado Pedro José de Santa Bárbara (1778-1833?), seu director entre 1829 e 1833. Teria António Joaquim estudado nesta instituição? Seria o militar uma figura marcante em sua vida, levando-o a adoptar o seu nome? No momento, é apenas mais uma pista.

Mas dos anos 1830⁸ até a sua morte prematura em 1865, António Joaquim de Santa Barbara inscreveu este nome em finas letras cursivas na história da arte portuguesa, com o delicado registo de figuras do seu tempo [Fig. 5].

⁴ Encontram-se assim descritos, por exemplo, em Dezembro de 1818, no baptismo de seus filhos gémeos, Cândida e Joaquim, cujo padrinho foi um jardineiro da mesma Quinta. ANTT, RP, Paróquia de Santa Iria de Azoia, Registo de baptimos 1803-1821 p 61 v.

⁵ ANTT, RP, Santa Iria de Azoia, Registos mistos de 1811-1821, f. 11 v.

⁶ Por exemplo no casamento do filho com Felícia Maria, em 1811. ANTT, RP, Santa Iria de Azoia, Registos mistos de 1811-1821, f. 61 v.

⁷ João de Avelar casou-se com Anna Leonor, na mesma freguesia, em 1778 [ANTT, Santa Iria de Azoia, Registo de casamentos 1741-1780 f. 184].

⁸ Segundo Pamplona, um coleccionador lisboeta possuía três retratos em miniatura de D. Miguel I de sua autoria (PAMPLONA, vol V, 133). Não os examinamos, mas o seu nascimento em 1813 torna pouco provável que correspondam a este reinado.

Fig. 5 – António Joaquim de Santa Barbara. "Retrato de jovem senhora", ass. e dat. "Sta. Barbara - 1843", miniatura sobre marfim, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa. Fotografia: © Pedro Lobo.





DOCTOR BERNARDO JOSÉ MARTINS.





Páginas anteriores

Fig. 6 [à esquerda] – António Joaquim de Santa Barbara. "Doutor Bernardo José Martins", ass., dat. e inscrito "Sta. Barbara copiou do daguerreotypo, 1846", litografia, Biblioteca Nacional, Portugal. © Biblioteca Nacional.

Fig. 7 [ao centro] – António Joaquim de Santa Barbara. "Retrato de jovem senhora", ass. "Sta. Barbara", c.1840, miniatura sobre marfim, Museu Nacional de Arte Antiga. Fotografia: © Pedro Lobo.

Fig. 8 [à direita] – António Joaquim de Santa Barbara. "Retrato de criança com retrato" (detalhe), ass. e dat. "Sta. Barbara 1855 -", miniatura sobre marfim, 4,2 x 5,2 cm, coleção Nuno Pinto de Magalhães. © Nuno Pinto de Magalhães (pormenor).

Nesta página

Fig. 9 – ver legenda da Figura 8.



Soube adaptar-se às inovações artísticas, como a litografia, que empregava pelo menos desde 1840, quando retratou a rainha D. Maria II. Em vez de combater a fotografia, adoptou-a como aliada. Sem temer a mágica captura da luz que tanto ameaçava alguns colegas, especificava orgulhosamente retratar através de daguerreótipos, como no retrato de Bernardo José Martins, datado de 1846 [Fig. 6].

O desenho não se ressentiu desse modelo estático, apenas certas miniaturas mais rígidas, evocam, talvez por seus tons esverdeados, a ausência de modelos vivos. Contrastam com notáveis retratos tirados “do natural”, como o da jovem de bastas sobancelhas negras, ombros brancos nus contra um fundo escuro [Fig. 7] ou da criança pequena a segurar uma miniatura, talvez um dos seus filhos [Fig. 8].

O trabalho litográfico prosseguiu em par com a pintura sobre tela e em miniatura. Ganhava o suficiente para manter a família que ia constituindo com a mulher. A 25 de Janeiro de 1842⁹ nasceu António Manuel de Santa Bárbara, seu filho e discípulo, que seguiria a carreira de pintor. Não sabemos quando começou a retratar, é provável que já pintasse em finais da década de 1850. Em todo caso, são dele as luminosas miniaturas pintadas a partir de 1866, distintas pela pincelada visível e as cores leves. Trabalhou para a Casa Real, como o pai, com o qual morou até casar-se, a 30 de Agosto de 1865¹⁰, no mesmo ano em que este faleceu.

Mas esta, é uma outra história...

Em vez de combater a fotografia, adoptou-a como aliada. Sem temer a mágica captura da luz que tanto ameaçava alguns colegas...

Fontes primárias:

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) Registos paroquiais (RP):

Paróquia de Sta Iria d'Azoia: Livros de registo de baptismos 1765-1788; de 1803-1821; de casamentos 1741-1780 ; Livro de registos mistos de 1811-1821;

Paróquia de Sta Maria Magdalena: Livro de registo de casamentos 1858-1878;

Paróquia de S. Paulo: Livro registo de óbitos 1852-1866;

Diário de Notícias n.º 268, Sabado, 25 de Novembro 1865.

Bibliografia:

BRANDÃO, J. Miniaturistas Portugueses. Porto: Litografia Nacional [s/d].

FRANCO, A. Miniaturas Portuguesas na colecção do Museu Nacional de Arte Antiga, IPM, 2003.

FRANCO, A. "A miniatura em Portugal, a arte de retratar em pequeno" Catálogo da IX Bienal de Antiguidades. Lisboa: APA, 2011.

LOPES, C. da S. "Dois miniaturistas" in Estudos de Historia - da pintura e da gravura, Porto: CITAR, 2010.

PAMPLONA, F. Dicionário de pintores e escultores portugueses ou que trabalharam em Portugal. Barcelos: Livraria Civilização Editora, vol V, 1988.

SOARES, L. H. E. História da gravura artística em Portugal, Lisboa: Livraria Samcarlos, 2 vols, 1971.

VIANNA, A. José da Silva Carvalho e o seu tempo, Lisboa: Imprensa Nacional, vol. II, 1894.

VITORINO, P. "Museus, Galerias e Colecções: Miniaturistas e Litógrafos", in Revista de Guimarães, 41 (3) Jul. Set 1931, pp. 127-133.

⁹ ANTT, RP, Freg. de S. Mamede, Livro de Registo de Baptismos de 1820-1844, f. 300 v.

¹⁰ AANTT, RP, Paróquia de Sta. Maria Magdalena, registo de casamentos 1858-1878, f. 105 v.

